

Formas de tratamento em cartas pessoais catarinenses escritas entre 1880 e 1940

Forms of address in personal letters of Florianópolis written between 1880 and 1940

Helena Alves Gouveia 

Izete Lehmkuhl Coelho 

Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, SC, Brasil.

E-mail: helenagouveia@gmail.com

E-mail: izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br

Editor-chefe

Marcia dos Santos
Machado Vieira

Autor correspondente

Izete Lehmkuhl Coelho
izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br

Recebido: 14/06/2024

Aceito: 01/10/2024

Como citar:

GOUVEIA, Helena Alves;
COELHO, Izete Lehmkuhl.
Formas de tratamento em cartas pessoais catarinenses escritas entre 1880 e 1940. *Revista Diadorim*, v.26, n.2, e64394, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64394>

Resumo

Neste artigo, buscamos descrever as formas de tratamento nominais e pronominais utilizadas em cartas pessoais escritas na região de Florianópolis entre as décadas de 1880 e 1940. Para tanto, retomamos parte da análise de Gouveia (2019), atinente a 130 cartas pessoais, transcritas e editadas pela equipe do Projeto Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC). Para a consecução desta pesquisa, utilizamos a Teoria de Variação e Mudança (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), pelas orientações gerais da Teoria do Poder e Solidariedade (Brown; Gilman, 2003 [1960]) e pela Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007). Os resultados mostram que, no período em análise, encontramos nas cartas catarinenses um sistema quaternário de tratamento (*tu*, *você*, *forma nominal* e *zero*), utilizado na escrita de missivistas de distintas esferas sociais, que mantinham diferentes tipos de relações com seus interlocutores (de amizade, de familiar e de conhecido). As formas de sujeito *tu* foram majoritárias, utilizadas preferencialmente pelos missivistas que escrevem a amigos ou familiares. As formas de sujeito *zero* e *nominais* foram utilizadas

principalmente entre missivistas que se conhecem, porém não possuem intimidade. Já o pronome sujeito *você* foi a estratégia menos produtiva, aparecendo nas relações mais respeitadas e de distanciamento em situações bem específicas, como uma marca de fora. Esses resultados não nos permitem dizer que o pronome *você* já estava se implementando na escrita catarinense do período investigado (1980-1940).

Palavras-chave

Formas de tratamento. Cartas pessoais catarinenses. Décadas de 1880 a 1940. Variação e mudança linguística. PHPB-SC.

Abstract

This research provides a describe of the forms of address used in personal letters written by Florianopolitans between 1880 and 1940. Therefore, we returned to the analysis made by Gouveia (2019), relating to 130 personal letters, transcribed and edited by the team of the Project Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC). This research follows the Theory of Variation and Change (Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), the Theory of Power and Solidarity (Brown; Gilman, 2003 [1960]) and the Historical Sociolinguistics (Conde Silvestre, 2007). Results showed that we found a quaternary system of adress (tu, você, forma nominal and zero), used in the writing of letter writers from different social spheres, that maintained different types of relations with their interlocutors (of friendship, familiar and as acquaintances). The subject pronoun tu was the most frequent form used by the authors in their messages to friends and family. The subject zero and nominal forms of address were used in the messages to acquaintances. The subject pronoun você was the least frequent form used, occurring in relations with a lot of respect and distance in specific situations, coming from the outside circle. Thus, these results did not allow us to conclude that the pronoun você was already appearing in the personal letters of Florianópolis within the period investigated from 1880 to 1940.

Keywords

Personal letters. Forms of address in Florianópolis. Decades from 1880 to 1940. Variation and change.

Introdução

Buscamos descrever, neste artigo, as formas de tratamento nominais e pronominais utilizadas em 130 cartas pessoais escritas entre as décadas de 1880 e 1940 por missivistas florianopolitanos com distintos perfis sociais, que mantêm tanto relações de intimidade e proximidade quanto relações mais respeitadas e distantes com seus destinatários. Essas cartas foram transcritas e editadas pela equipe do Projeto Para a História do Português Brasileiro em Santa Catarina (PHPB-SC¹) e compõem a Amostra Cruz e Sousa, que será descrita na seção Metodologia.

Para alcançar o nosso objetivo, retomamos parte do trabalho de Gouveia (2019), que se orientou pela seguinte questão: quais eram as formas de tratamento ligadas às estratégias de intimidade, de respeito e de distanciamento preferidas por missivistas florianopolitanos entre o fim do século XIX e o início do século XX?

A hipótese principal é a de que, nesse período, havia várias estratégias de tratamento na escrita de florianopolitanos: enquanto o *tu* é reservado a contextos de maior intimidade, o *você* é utilizado em situações que exigem um caráter menos invasivo, geralmente em relações mais respeitadas e distantes. As *formas nominais* e a forma *zero*² (por meio da qual não há comprometimento com nenhuma das formas de tratamento) ocorrem como estratégias utilizadas, em geral, em relações mais distantes e formais.

Nesse período, a forma *você* estava sendo implementada em muitas regiões do Brasil, como no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Minas Gerais (cf. Rumeu, 2008, 2012; Lopes, Marcotulio, 2011; Lopes *et al.*, 2018) e no Rio Grande do Norte, em Pernambuco e na Bahia (cf. Moura, 2013; Gomes, Lopes, 2016; Santos e Santos, Lacerda, Carneiro, 2019), por exemplo. No entanto, estudos com dados de Santa Catarina (cf. Coelho; Görski, 2011; Nunes de Souza, 2015; Nunes de Souza; Coelho, 2015; Grando, 2016; Coelho, 2019; Coelho; Nunes de Souza, 2020; Da Silva, 2023) indicam certo conservadorismo de tratamento no que se refere à implementação da forma *você* na escrita, além de mostrarem uma preferência pelo uso de *tu* em relações de intimidade e familiaridade.

¹ O PHPB é um projeto nacional que propõe o levantamento e a catalogação de fontes oriundas de pesquisas em arquivos históricos do Brasil, representativas do português escrito ao longo dos séculos. Em âmbito regional, o PHPB-SC realiza, desde 2009, levantamento bibliográfico acerca da realidade sócio-histórica do estado de Santa Catarina, incluindo informações sobre os diferentes períodos de formação do estado. O objetivo do projeto é descrever particularidades da realidade sócio-histórica e fenômenos de variação / mudança linguística dos últimos dois séculos do português de quatro localidades de Santa Catarina: Florianópolis, Lages, Blumenau e Chapecó. Esse material tem possibilitado estudos a respeito de aspectos linguísticos e sociais que podem contribuir para a caracterização do processo de formação do português brasileiro no curso dos séculos.

² Foi usado o fator forma *zero* ou sujeito *zero* nos casos em que na carta investigada não tiver sido feita alusão a nenhum pronome de segunda pessoa do singular (expresso ou nulo) ou a nenhuma forma nominal de tratamento específica.

Para atender ao nosso objetivo principal e responder à questão orientadora, esta pesquisa guia-se por diferentes orientações teórico-metodológicas: 1) pelos pressupostos da Teoria de Variação e Mudança, segundo os quais: (i) a variação é inerente ao sistema linguístico; (ii) a heterogeneidade é ordenada; (iii) a mudança é um processo lento e gradual, resultante de um sistema variável (Weinreich, Labov, Herzog, 2006 [1968]); 2) pelas orientações gerais da Teoria do Poder e Solidariedade (Brown, Gilman, 2003 [1960]), para compreender as escolhas dos missivistas de acordo com as relações sociais estabelecidas entre remetentes e destinatários; 3) pela Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007), concernente ao uso de material histórico em pesquisa sociolinguística, uma vez que buscamos dados em documentos produzidos em sincronias passadas.

Analisamos cartas pessoais por acreditarmos serem textos “que transpõem, para o meio escrito, intercâmbios comunicativos que ocorreram ou poderiam ocorrer no meio oral” (Conde Silvestre, 2007, p. 45). Esse tipo de texto provavelmente manifesta um grau maior de variação por mostrar, de certo modo, registros escritos que podem reproduzir o vernáculo das diferentes épocas e, nesse caso, permitir uma correlação mais aproximada entre fatores linguísticos e sociais, incluindo-se nesse último, na medida do possível, as circunstâncias sociais que se refletem na relação entre os remetentes das cartas e seus destinatários. Nas cartas, a influência do receptor provavelmente está presente nas escolhas que o missivista faz das formas em variação.

Além desta introdução, este artigo é composto por outras quatro seções: a revisão da literatura (segunda seção); a metodologia do trabalho, com: a descrição da amostra e dos missivistas; as variáveis controladas e os resultados esperados (terceira seção); e descrição e análise dos resultados (quarta seção). Por fim, apresentamos as considerações finais (quinta seção), seguidas das referências.

Revisão da literatura

Investigações em conjuntos de cartas de missivistas das regiões sudeste e nordeste do Brasil (Rumeu, 2008; Lopes 2009; 2011; Lopes; Marcotulio, 2011, Lopes *et al.*, 2018, entre outros) mostraram o uso da forma de tratamento *você* se implementando no final do século XIX e nas primeiras décadas do XX (mesmo que ainda com comportamento instável).

Com respeito à região Sul, especialmente do estado de Santa Catarina, alguns estudos relataram o aparecimento muito tímido da forma *você* ao final do século XIX, vindo a se implementar mais sistematicamente como estratégia usada nas relações de intimidade e familiaridade a partir da década de 1960.

Coelho e Görski (2011) investigaram o uso de *você* em sete peças teatrais catarinenses. Os dados da segunda metade do século XIX mostraram essa forma sendo utilizada em relações assimétricas de superior para inferior (por exemplo, de patrão

para empregado) e, de modo geral, como forma de xingamento. Nesses casos, *você* aparece apenas em sete ocorrências de um total de 42, com 17% dos casos, contra 83% de *tu*. O tratamento *você* foi observado nas relações simétricas apenas na segunda metade do século XX. As autoras perceberam, nesse caso, uma inversão de valores, com a forma *você* perdendo o uso não respeitoso adotado no século XIX. O pronome *você* passou a ocorrer nas peças teatrais para uso respeitoso e para uso entre familiares; também passou a ocorrer entre pessoas de mesma faixa etária (como marido e mulher). E, ao final do século XX, passou a ocorrer também no tratamento de pessoas mais velhas para mais jovens, expandindo os contextos sócio-pragmáticos de uso (cf. Quadro 1).

Ampliando a amostra para 12 peças de teatro catarinenses dos séculos XIX e XX, Nunes de Souza (2011) investiga todas as formas de tratamento encontradas, considerando os séculos divididos em quatro períodos de 50 anos. O objetivo dessa pesquisa foi identificar as formas de tratamento utilizadas nas peças e sua relação com as dimensões de poder e solidariedade (cf. Brown; Gilman, 2003). Os resultados mostram que, no século XIX, o pronome *tu* é utilizado na dimensão da familiaridade, e o pronome *o senhor*, na dimensão do poder, com quase completa ausência do pronome *você*. Na primeira metade do século XX, a forma de tratamento *tu* estava mais associada à dimensão de solidariedade; a forma *o senhor* à dimensão de poder; e *você* aparece flutuando entre as duas dimensões. Já na segunda metade do século XX, as formas *tu* e *você* estavam mais associadas à dimensão de solidariedade, enquanto *o senhor* continuava mais relacionado à dimensão de poder (cf. Quadro 1).

Quadro 1: Relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores e uso dos pronomes *tu*, *você* e *o senhor* em peças de teatro catarinenses

PEÇAS TEATRAIS CATARINENSES (cf. Coelho, Görski, 2011; Nunes de Souza, 2011)		
século XIX	século XX-1	século XX-2
tu na dimensão da familiaridade	tu mais associado à dimensão de solidariedade	tu e você mais associados à dimensão de solidariedade (você em relações simétricas)
o senhor na dimensão do poder	o senhor mais associado à dimensão de poder	o senhor segue mais relacionado à dimensão de poder
quase completa ausência de você (você em relações assimétricas descendentes)	você flutuando entre as duas dimensões	tu e você mais associados à dimensão de solidariedade (você em relações simétricas)

Fonte: Elaboração própria (2024).

Dando sequência aos estudos de Coelho e Görski (2011) e de Nunes de Souza (2011), um grupo de pesquisadoras pertencentes do Projeto PHPB-SC (Nunes de Souza, 2015; Nunes de Souza; Coelho, 2015; Grando, 2016; Coelho; Nunes de Souza, 2020; Da Silva, 2023, entre outras) investigou o uso das formas de tratamento em cartas pessoais catarinenses escritas entre os séculos XIX e XX para entender melhor o percurso de implementação do pronome *você*.

Trinta e cinco missivas do século XIX, escritas entre 1882 e 1897, compõem inicialmente a Amostra Cruz e Sousa, utilizada por Nunes de Souza (2015) e Nunes de Souza e Coelho (2015). O protagonista da amostra, ora remetente, ora destinatário, é o poeta Cruz e Sousa, nascido em Desterro³ no ano de 1861, filho de escravizados e expoente da escola literária simbolista no Brasil. As autoras observaram, nessa primeira amostra do século XIX, o uso categórico do pronome *tu* quando em outros estados brasileiros já ocorria um uso variável entre *tu* e *você*⁴.

Nas amostras do século XX, Nunes de Souza (2015) e Coelho e Nunes de Souza (2020) destacam a variação diatópica entre uso majoritário do pronome *tu* no litoral catarinense e uso majoritário do pronome *você* na região serrana. Essa diferença é apontada pelas autoras como uma das marcas da etnia colonizadora do Estado – o litoral foi colonizado por açorianos, que trouxeram em sua bagagem o pronome *tu*; e o planalto serrano foi colonizado por paulistas, que trouxeram o pronome *você*. E essa diferença tratamental ainda ocorre nas duas regiões.

Nas cartas escritas por missivistas nascidos em Florianópolis, segundo Nunes de Souza (2015) e Coelho e Nunes de Souza (2020), há alguma particularidade na Amostra Maura de Senna, formada por 68 cartas de amizade⁵ remetidas por Maura a cinco destinatários, quatro homens e uma mulher, entre as décadas de 1960 e 1990. Nascida em Florianópolis em 1904, Maura de Senna teve uma vida pública reconhecida, escreveu diversos livros e foi a primeira mulher a ocupar uma cadeira em uma Academia de Letras no Brasil. As autoras encontraram nas cartas investigadas 237 ocorrências de sujeitos de segunda pessoa (sendo 71% de *você* e apenas 29% de *tu*) e observaram certa preferência pelo pronome *tu*, ao se tratar de assuntos pessoais, e pelo pronome *você*, ao se tratar de assuntos profissionais. Uma curiosidade da amostra foi o fato de “a taxa de uso de *você* decai[r] no decorrer dos períodos de tempo controlados, ao passo que a taxa de uso de *tu* mostra acentuado aumento” (Nunes de Souza, 2015, p. 154).

³ Até 1894, a cidade se chamava Desterro. Após a Revolução Federalista, seu nome foi alterado para Florianópolis.

⁴ Vale registrar que, em uma ampliação dessa amostra, apareceu *você* no século XIX nas cartas endereçadas pelos pais do Cruz e Sousa a ele, como veremos na análise aqui retomada de Gouveia (2019).

⁵ A Amostra Maura de Senna, originalmente, conta com 104 documentos. Em apenas 94 deles aparecem formas pronominais de segunda pessoa do singular (em diversos contextos morfossintáticos); em 93 desses 94, há a identificação do destinatário; do universo dos 93 documentos, 68 apresentam sujeito realizado por *tu* ou *você*.

Em estudo recente, Da Silva (2023) retomou a Amostra Maura de Senna, ampliando-a para 93 cartas – tanto da escritora para familiares e amigos quanto enviadas a ela por familiares, amigos e desconhecidos entre as décadas de 1930 e 1990. A autora conseguiu entender as escolhas da escritora na utilização dos pronomes *tu* e *você* em suas missivas, ao analisar as relações sócio-pragmáticas desse uso. Maura alternava os pronomes *tu* e *você* nas missivas a amigos mais íntimos e familiares; com pessoas desconhecidas e em relações mais profissionais, a escritora usava exclusivamente o pronome *você*. Segundo Da Silva (2023), o uso abundante do pronome *você* por Maura de Senna (uma catarinense nascida em Florianópolis) deve ter tido influência do longo período vivido no Rio de Janeiro (1942 a 1990), momento em que o pronome *você* já estava se implementando no sudeste brasileiro.

Nas cartas do final do século XX, destaca-se a correspondência do escritor Harry Laus, nascido em Tijucas, na grande Florianópolis, investigada por Grando (2016). A amostra é composta por 93 cartas remetidas por Harry Laus a sua tradutora e amiga Claire Cayron durante as décadas de 1980 e 1990. A autora nota que, com o passar dos anos, a relação entre o escritor e sua tradutora se estreita, e a temática das cartas, embora ainda contemple questões voltadas à tradução e à publicação de livros, passa a envolver especialmente relatos concernentes à amizade entre os dois.

Nas primeiras cartas que Harry escreveu a Claire, na década de 1980, ele utilizou categoricamente *você*, conservando o caráter menos invasivo dessa forma, conforme já atestado por Lopes (2009). Nessa época, o tratamento entre eles era apenas profissional; à medida que vão se conhecendo e se tornando amigos, o tratamento passa a ser mais íntimo, e o pronome, nesse caso, se alterna de majoritariamente *você* para *tu*. Um fato curioso observado por Grando (2016) é a alternância de formas, no interior de uma mesma carta, de acordo com o tema: ao tratar de sua vida particular ou da vida da então amiga Claire, o missivista usa *tu*, porém quando aborda a obra que ela está traduzindo, muda o pronome para *você*. Nessa amostra, portanto, percebe-se uma particularidade estilística: com o passar do tempo e o estreitamento de laços de amizade, o *tu* passou a predominar nas cartas do escritor – o que indica uma preferência pelo uso da forma *tu* em relações de intimidade mesmo quando a forma *você* parece já ser de uso mais corrente na escrita catarinense.

O Quadro 2 oferece um resumo dos estudos a respeito das formas de tratamento *tu* e *você* em cartas pessoais catarinenses, relacionadas às dimensões sócio-pragmáticas e às escolhas dos missivistas refletidas nas temáticas das cartas.

Quadro 2: Relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores e uso dos pronomes *tu* e *você* em cartas pessoais catarinenses

CARTAS FLORIANOPOLITANAS			
século XIX (1882 a 1897)	século XX (1930 a 1990)	século XX (1960 a 1990)	século XX (1980 a 1990)
Amostra Cruz e Sousa 35 cartas (cf. Nunes de Souza, 2015; Nunes de Souza e Coelho, 2015)	Amostra Maura de Senna Ampliada 93 cartas (cf. Da Silva, 2023) ⁶	Amostra Maura de Senna 68 cartas de amizade (cf. Nunes de Souza, 2015; Coelho, Nunes de Souza, 2023)	Amostra Harry Laus 93 cartas (cf. Grando, 2016)
Uso categórico de tu	Com amigos mais íntimos e familiares, alternância entre tu e você . Em relações mais profissionais, você , exclusivo a desconhecidos.	Preferência pelo tu ao tratar de assuntos pessoais e pelo você ao tratar de assuntos profissionais.	Preferência por tu em relações de intimidade. Uso de você em relações profissionais, distantes.

Fonte: Elaboração própria (2024).

Todos esses trabalhos sinalizam que, na escrita catarinense do século XIX, *tu* era o pronome majoritário, usado nas relações de intimidade e familiares, e *o senhor* a forma usada nas relações de formalidade. No século XX, o pronome *você* entra lentamente nas relações de respeito e de formalidade, alternando-se com *o senhor*. Somente por volta da década de 1960, é que *você* começa a disputar com o *tu* nas relações de amizade e nas relações familiares. Esses usos revelam as escolhas pronominais dos autores das peças de teatro e dos missivistas, baseadas nas estratégias sócio-pragmáticas utilizadas entre remetente e destinatário ou nas escolhas ligadas aos temas das peças e das cartas (de amor, de amizade, familiar, profissional etc). Os estudos mostram que o pronome *tu* ainda resiste no final do século XX na escrita catarinense nas relações de intimidade e familiaridade, disputando espaço com a forma nova *você*.

⁶ Da Silva (2023) também controlou o uso da forma nominal *o senhor* nas cartas investigadas. Essa forma foi utilizada por Maura de Senna somente na juventude, em relações mais profissionais.

Metodologia do trabalho

A pesquisa de Gouveia (2019), que aqui retomamos, utilizou dados escritos obtidos de cartas pessoais produzidas por florianopolitanos entre as décadas de 1880 e 1940. Esse material compõe a Amostra Cruz e Sousa, coletada e editada no âmbito do projeto Para a História do Português Brasileiro – Santa Catarina (PHPB-SC). Nesta seção, faremos uma breve descrição dessa amostra e do perfil dos missivistas que produziram o material investigado. Depois dessa contextualização, apresentamos as variáveis controladas na análise estatística e fragmentos das cartas, que exemplificam as variantes controladas. Além disso, descrevemos os 4 grupos de fatores analisados no trabalho e os resultados esperados para cada um deles, quais sejam: 1) formas de realização do sujeito; 2) preenchimento do sujeito; 3) Relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores; 4) díade remetente / destinatário. Finaliza esta seção a descrição e análise dos resultados de cada grupo de fatores.

Amostra investigada e perfil dos missivistas

A Amostra Cruz e Sousa, analisada neste trabalho, é composta por 130 cartas pessoais, escritas entre os anos de 1880 e 1940 por diferentes missivistas desterrenses / florianopolitanos. Nessa amostra, agora ampliada, há cartas trocadas entre os amigos e escritores Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Oscar Rosas e Araújo Figueiredo, os quais constituem o núcleo da Amostra. Há ainda cartas que Cruz e Sousa recebeu de seus pais, Guilherme e Carolina, e que o poeta escreveu para sua então noiva Gavita. Também compõe essa amostra um conjunto de cartas recebidas pelo desembargador José Boiteux (*cf.* Quadro 3). A seguir, traçaremos um breve perfil desses missivistas.

Quadro 3: Perfil dos missivistas da Amostra Cruz e Sousa

	Remetente	Destinatário	n. de cartas
Amigos	Araújo	Cruz	19
	Oscar	Cruz	14
	Cruz	Araújo	4
	Cruz	Nestor	7
	Cruz	Virgílio	1
	Cruz	Gonzaga	1
	Virgílio	Cruz	18

Quadro 3: Cont.

	Remetente	Destinatário	n. de cartas
Conhecidos	Cruz	Germano	2
	Virgílio	J. Boiteux	3
	Diversos	J. Boiteux	26
	Cruz	Luís	1
	Cruz	Alberto	1
Familiares	Cruz	Gavita	4
	Guilherme	Cruz	19
	Carolina	Cruz	5
	Virgílio	Paulo	5
total de cartas			130

Fonte: Elaboração própria (2024).

Cruz e Sousa, poeta expoente do simbolismo no Brasil, nasceu em Desterro em 1861. Embora filho de pais escravizados e analfabetos, nasceu livre e recebeu boa educação escolar, assim como seu irmão Norberto. Em períodos em que viveu fora de Desterro, comunicou-se por meio de cartas com sua então noiva Gavita e com seus pais, Carolina e Guilherme, que por não serem escolarizados, contavam com o auxílio de escribas – amigos e outras pessoas que liam e redigiam cartas para eles⁷.

Virgílio dos Reis Várzea nasceu em 1863 também em Desterro. Foi poeta, contista, professor e exerceu cargos públicos. Era amigo de infância de Cruz e Sousa, com quem trocou muitas cartas, nas quais tratava tanto de assuntos pessoais quanto de trabalho. Na amostra investigada também há 5 cartas que escreveu, já nas primeiras décadas do século XX, para seu filho Paulo⁸, além de três para o desembargador José Boiteux.

Oscar Rosas nasceu em 1864, também em Desterro. Era filho de um professor de francês, com quem estudou as primeiras letras; após realizar o curso complementar no Ateneu Provincial de Santa Catarina (Alves, 2008), mudou-se com a família para o Rio de Janeiro, em 1878. Alternou sua vida estudantil com atividades jornalísticas (Souza, 2017), colaborando para diversos jornais. Oscar e Cruz foram amigos desde

⁷ Esse conjunto de cartas foi obtido no acervo *online* da Fundação Casa de Rui Barbosa.

⁸ As Cartas de Virgílio a seu filho foram obtidas no Arquivo Público Nacional do Rio de Janeiro.

a época em que se conheceram, no Ateneu, e anos mais tarde Cruz chegou a morar alguns meses com o amigo no Rio de Janeiro⁹.

José Arthur Boiteux nasceu em 1865 em São Sebastião de Tijucas, Santa Catarina, e fez os primeiros estudos em sua cidade natal com um professor particular. Depois, transferiu-se para Desterro, capital do estado, para cursar humanidades. Matriculou-se, posteriormente, na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, a qual cursou até o 2º ano. Ainda na capital do Império, passou a se dedicar a atividades políticas relacionadas às campanhas abolicionista e republicana. Após a proclamação da República, voltou a Santa Catarina, onde exerceu diversos cargos públicos, além de ter sido eleito deputado estadual por Santa Catarina para sucessivas legislaturas. Entre as cartas da amostra investigada nesta pesquisa, 26 são endereçadas a José Boiteux por 16 remetentes, entre os quais há sobrinhos, um afilhado, amigos, escritores e políticos¹⁰. Devido à sua atuação como desembargador e em outras funções da vida pública, a maioria das cartas investigadas, excetuando-se apenas as de familiares, trata de assuntos profissionais¹¹.

As variáveis controladas na análise estatística

No trabalho de Gouveia (2019), foi estabelecida como variável dependente: formas de tratamento ao interlocutor. Disputam para a expressão dessa variável dois fatores, ou duas variantes abstratas: formas associadas a T e formas associadas a V. Essa notação está inspirada na teoria de poder e solidariedade de Brown e Gilman (2003 [1960]), segundo a qual o poder semântico que emerge pela relação de tratamento se realiza linguisticamente por meio de pronomes. T é caracterizado genericamente pelos autores para designar a forma “tu”, e V para designar a forma reverencial “vós”.

A diferença entre as pessoas, segundo os autores, implica diferença de poder. A relação de poder prescreve usos que se efetivam entre superiores e subordinados (ou vice-versa), em situação hierárquica desigual, assimétrica e não recíproca, seguindo uma relação V-T ou T-V. A relação de solidariedade prescreve formas pronominais usadas em uma relação geral simétrica; para essa situação, as normas de endereçamento são simétricas e recíprocas, seguindo uma relação T-T ou V-V.

Com base nesse modelo, foram consideradas neste trabalho como formas associadas a T: sujeitos expressos por *tu*, ou nulos com verbo com ou sem concordância com *tu*, complementos *te*, *a ti*, *contigo* etc., possessivo *teu* / *tua* e imperativo indicativo, conforme exemplos (1) a (3); e como formas associadas a V: sujeitos de *você* (nulos

⁹ As cartas de Oscar a Cruz foram obtidas no acervo *online* da Fundação Casa de Rui Barbosa.

¹⁰ No Quadro 3, esses remetentes estão nomeados como “Diversos”, e nos exemplos a seguir, serão designados apenas pelas iniciais.

¹¹ Esse conjunto de cartas foi obtido no Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.

ou expressos), de *formas nominais* (nulos ou expressos) e sujeitos *zero*, combinados com verbos sem flexão distintiva para pessoa, complementos *o, lhe, ao senhor* etc., possessivo *seu/sua* e imperativos subjuntivos, conforme exemplos (4) a (6).

1. Tem o bello, o encantador Horacio, o que **0** ficas ahi fazendo, meu incomparavel amigo? Nada. **0** Precisas de nós como precisamos **de ti**. (A. F. a Cruz, out. 1872)
2. Anda, **abraça** os **teus** velhos e não **olhes** para traz, porque [inint.] **tu** nunca poderás viver bem. (A. F. a Cruz, out. 1892)
3. Quiz responder-**te** de prompto, mas o não fiz por ignorar o **teu** endereço. Desculpa-me com a **tua** característica fidalguia e do mesmo modo a falta de **te** não haver contestado, por carta, as felicitações daquelle telegramma (Virgílio a J. Boiteaux, 10/11/1915)
4. (4) Como **voçê** poderá verificar na leitura dos diarios desta capital, essa ameaça cruel continua a pairar sobre essa pobre velhinha. (E. F. a J. Boiteux, 20/06/1931.)
5. (5) Envio-**lhe** o escudo de Joinville. Como **0** vê, ficou magnifico. Mandei tambem uma copia ao Senhor Taunay. Rogo **0** mostrar ao Alfredo. (U. C. a J. Boiteux, 14/10/1929.)
6. Sobre o assumpto que constituiu o objecto principal de nossa ultima palestra, peço **a meu prezado amigo** dispensar-me, tendo por boas as razões que alleguei: mesmo por considerar as **do meu amigo** prova exclusiva de sua grande bondade. Como quer que seja, é esse o assumpto sobre que ainda poderemos fallar. Augurando-**lhe** felicidades sirvo-me do grato ensejo para reafirmar-me. (B. F. a J. Boiteux, 18/06/1929)

Para verificar os contextos que favorecem as formas associadas a T e as formas associadas a V, Gouveia (2019) investigou dez grupos de fatores (cinco linguísticos e cinco extralinguísticos). Desses grupos de fatores, selecionamos quatro para discutir neste trabalho: 1) formas de realização do sujeito; 2) preenchimento do sujeito; 3) Relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores; 4) díade remetente / destinatário, os quais são descritos a seguir.

Formas de realização do sujeito

Esta variável se baseia em Ramos (1989) que, ao investigar o uso das formas de tratamento na fala de florianopolitanos no final da década de 1980, a partir de testes de produção e de avaliação, verificou a existência de um *sistema de tratamento quaternário*, ou seja, que se dava a partir de quatro formas de tratamento: *tu, você,*

senhor(a) e *zero*. Assim, considerando a existência desse sistema, controlamos, nesta pesquisa, os fatores: *sujeito tu* (cf. exemplos (7) e (8)), *sujeito você* (cf. exemplos (9) e (10)), *sujeito expreso por formas nominais* (o amigo, o senhor, o padrinho etc., cf. exemplos (11) e (12)) e *sujeito zero* (cf. exemplo (13)).

7. Pois é ella, aquella menina que **tu** conheceste na tenrice ineffavel dos primeiros dias (Virgílio a Cruz, 24/09/1888)
8. O que **0** fazes? o que **0** projectas? o que **0** tens em idéa? (Virgílio a Cruz, 03/01/1889)
9. Meo Caro Filho **você** diz que sentiu muito a nossa separação pois o que hei de dizer eu? (Carolina a Cruz, 06/01/1890)
10. Como **voçê** poderá verificar na leitura dos diarios desta capital, essa ameaça cruel continua a pairar sobre essa pobre velhinha. (E. F. a J. Boiteux, 20/06/1931)
11. **O amigo** não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando. (Cruz e Sousa a Alberto, 08/05/1896)
12. Ficar-lhe-ia muito grato se **o Senhor** me mandasse algumas apresentações, suas ou mesmo de alguns amigos daí. (B. a J. Boiteux, 10/12/1932)
13. Antes de tudo, formulo votos que **0** tenha feito boa viagem como os de grata estada nessa metropole, Incluo tambem os defeliz regresso a Penátes. (B. F. a J. Boiteux, 18/06/1929)

Ramos (1989), ao questionar seus informantes no teste de avaliação que aplicou a respeito do uso dos pronomes *tu* e *você*, obteve alguns depoimentos indicando a preferência pelo uso de *tu* com pessoas mais próximas e de *você* em relações de distanciamento. Nos testes de produção realizados pela autora, os dados mostraram o predomínio da *forma zero* como tratamento neutro utilizado por seus informantes.

Assim, a partir do que foi observado por Ramos (1989) e considerando as características da amostra que investigamos (em que predominam as cartas trocadas entre amigos), nossa expectativa é de que o uso de *tu* como sujeito será a forma majoritária, por essa ser a forma predominante em Florianópolis no tratamento entre pessoas mais próximas. Também com base no que foi encontrado pela autora, esperamos que, depois de *tu*, predomine em nossa amostra a *forma zero*, seguida da *forma você* e das *formas nominais*.

Preenchimento do sujeito

De acordo com Duarte (1993), quando os pronomes *tu* e *vós* começam a entrar em desuso na variedade do português brasileiro, sendo substituídos pelos pronomes pessoais *você* e *vocês*, há um considerável decréscimo do percentual de sujeitos nulos de segunda pessoa: de 69% para 25%. Essa observação permite concluir, portanto, que o uso de *tu* está associado a uma maior tendência ao sujeito nulo, e a entrada de *você* a um maior preenchimento do sujeito pronominal, uma vez que, estando *você* associado a um verbo sem desinência exclusiva, apenas através da explicitação formal do pronome é que seria possível identificar o sujeito das orações.

Para a análise desta variável, os fatores sujeito nulo e sujeito expresso se correlacionam com as formas de realização do sujeito: *tu*, *você* e *formas nominais*, como ilustram os exemplos a seguir.

14. Tenho recebido sempre as tuas cartas e os jornaes que as acompanham; d'el-las, porém, só não me veio às mãos a que, segundo **O** me dizes, escoltava A Terra, de Zola; (Virgílio a Cruz, 10/11/1888)
15. apesar disso, sou, sou perfeitamente, como **tu** dizes, um “divino feliz”. (Virgílio a Cruz, 10/11/1888)
16. Mando-lhe Perguntar si **O** a recebeo uma carta que lhe escrevi no meins Pasado Porque não tive Resposta (Guilherme a Cruz, 01/09/1895)
17. Espero, pois, que **você**, que ainda conta mais saude do que eu, se encarregue desse acto de benemerencia, que ainda mais recommendará seu nome á posteridade. (E. a J. Boiteux, 20/06/1931)
18. O Zéca Villela entregou-me a quantia de um mil reis (100 [?]000 [?]) com que **o bom tijucano** presenteou a Fabrica da Matriz para as suas despesas. (P. G. a J. Boiteux, 05/08/1902)

Esperamos que as formas de tratamento que não se associam a formas verbais com desinências exclusivas, como *você* e *formas nominais*, apresentem maior frequência de sujeitos expressos, para que se evite a ambiguidade do referente. Da mesma forma, esperamos que a forma *tu*, que se associa a uma forma verbal com desinência exclusiva, apresente maior número de ocorrências de sujeito nulo.

No caso de aparecer verbo sem desinência distintiva que não seja antecedido por nenhuma forma de sujeito expresso, esse sujeito é considerado *sujeito zero*. Como não tem a forma expressa correspondente, neste caso, o *sujeito zero* foi excluído desta variável.

Relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores

Para entendermos as relações sócio-pragmáticas entre os principais missivistas que compõem a amostra investigada, buscamos resgatar informações que nos deem pistas sobre as relações de maior intimidade ou de maior formalidade entre os interlocutores, ou seja, se trabalhavam juntos, se possuíam relações mais íntimas de amizade, quando se conheceram etc. Esperamos que essas informações possam ser relevantes para a análise sobre as formas de tratamento utilizadas entre eles na escrita das 130 cartas pessoais analisadas nesta pesquisa.

Ramos (1989) colheu de seus informantes depoimentos a respeito das relações sócio-pragmáticas das formas de tratamento. Reproduzimos, a seguir, alguns fragmentos relacionados à avaliação desses informantes, no final do século XX, com respeito a esses usos em diferentes tipos de relações:

19. *Tu* é uma coisa muito da Ilha, né? Geralmente, eu uso mais pra pessoal que eu conheço, né? Assim, amigos. Agora pra tratar com pessoas de fora, quando eu vou num banco, em algum lugar mais, eu chamo mais de *você* mesmo. Sinto que uso os dois mesmo. *Tu* é mais normal eu dizer. [...]. (Ramos, 1989, p. 46)

20. É muito difícil eu usar o *tu*, mas uso com colegas com quem cresci junto. Pra mim implica em intimidade. Com a família eu só uso *você*. Todos somos ilhéus e se usamos *você* é porque depende da formação de cada família. Sempre aprendi na escola municipal que o *tu* era falta de educação. Com pessoas mais jovens uso *você*; com colegas se serviço uso *senhor* e com pessoas mais velhas também: *senhor(a)*. Acredito que as famílias mais antigas usam *você* e as mais modernas o *tu*. Imagine que até os mais jovens usam o *tu* comigo! (Ramos, 1989, p. 66)

De acordo com esses depoimentos, *tu* era, no final da década de 1980, para esses informantes, o pronome utilizado com amigos e pessoas íntimas. O *você* seria utilizado com desconhecidos em ambiente público e de pessoa mais velha para mais jovem; e a forma *o senhor*, em relações profissionais e de pessoa mais jovem para mais velha. De maneira geral, o *você*, de acordo com os depoimentos dos informantes de Ramos (1989), é um pronome considerado mais educado, bonito e mais “correto”. Por sua vez, o *tu* é considerado um traço local e um pronome menos bonito, sendo menos usado com pessoas “de fora” ou com quem não se tenha intimidade.

A partir dos pressupostos de Brown e Gilman (2003 [1960]), segundo os quais são usados diferentes pronomes em diferentes esferas de poder e solidariedade, verificamos como são constituídas as forças sociais que fazem com que se estabeleçam as relações simétricas e assimétricas entre remetente e destinatário nas cartas investigadas.

Ressaltamos, contudo, a dificuldade de se definir, em muitos casos, simetria ou assimetria em determinadas relações, principalmente, considerando o fato de que trabalhamos com material histórico. Coelho e Nunes de Souza (2014) destacam que

não se pode esperar que uma relação entre pai e filho no século XIX seja idêntica a uma relação entre pai e filho no século XX. No século XX, do ponto de vista geracional, essa continua sendo uma relação assimétrica, mas, sem um maior conhecimento sobre os personagens envolvidos na díade, não há como pressupor que essa relação seja assimétrica ou simétrica (Coelho, Nunes de Souza, 2014, p. 176).

Para não cair no anacronismo, analisamos as relações sócio-pragmáticas entre remetente e destinatário de cada uma das cartas, considerando “relações de intimidade e proximidade” e “relações mais distantes” nas esferas da solidariedade e do poder. Nesse sentido, as relações simétricas de intimidade e proximidade e as relações simétricas mais distantes e formais são solidárias, enquanto as relações assimétricas descendentes e relações assimétricas ascendentes são ligadas à esfera do poder, isto é, não solidárias. O Quadro 4 a seguir sinaliza os critérios que foram estabelecidos para cada um desses fatores.

Quadro 4: Relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores

Tipo de relação		na amostra
Relações simétricas	de intimidade e proximidade	entre amigos e entre noivos, entre pessoas de idades semelhantes, profissões semelhantes ou com algum parentesco entre si. - cartas trocadas entre os amigos escritores - cartas enviadas de Cruz e Sousa para sua noiva Gavita
	mais distantes e formais	interlocutores que não são amigos, mas mantêm algum tipo de relação, como exercer profissão semelhante, pertencer ao mesmo partido ou movimento político, ter amigos ou projetos em comum, colaborar para o mesmo periódico etc. relação estabelecida entre José Boiteux e a maior parte dos missivistas que escrevem para ele.

Quadro 4: Cont.

Tipo de relação			na amostra
Relações assimétricas descendentes e ascendentes	de intimidade e proximidade	relações entre pais/mães e filhos	- cartas de Virgílio a seu filho Paulo - cartas de Guilherme de Sousa e Carolina da Conceição a seu filho Cruz e Sousa
	mais distantes e formais	relações entre pessoas mais jovens e pessoas mais velhas	- cartas dos sobrinhos e do afilhado para J. Boiteux

Fonte: Elaboração própria (2024)

Esperamos encontrar o uso de formas associadas a T em missivas cujos interlocutores mantenham relações simétricas de intimidade e proximidade e relações assimétricas descendentes; nas missivas em que se estabelecem relações simétricas mais distantes e formais e relações assimétricas ascendentes, esperamos que ocorram mais formas associadas a V (*você*, *formas nominais* e forma *zero*), a última forma, como já salientamos, ocorrendo como estratégia utilizada quando o interlocutor não deseja se comprometer com nenhuma forma de tratamento.

Díade remetente / destinatário

O controle das díades de missivistas pode evidenciar as relações estabelecidas entre amigos, conhecidos ou familiares como remetentes e destinatários das missivas dessa amostra. Para essa variável, estabelecemos as díades (remetente – destinatário) indicadas no Quadro 3.

Trabalhos anteriores (Nunes de Souza, Coelho, 2015; Nunes de Souza, 2015) já atestaram que o missivista Cruz e Sousa, em suas cartas pessoais à noiva Gavita, usa apenas formas associadas a T, com o pronome sujeito *tu*, tanto na forma expressa como na forma nula, combinado com verbos com marca morfêmica exclusiva e com complementos verbais e possessivos específicos (*te*, *contigo*, *teultua*).

Com a ampliação da amostra, percebemos, em cartas de Cruz e Sousa a outros destinatários, o uso de formas associadas a V, com sujeitos realizados com *formas nominais* e forma *zero*, combinados com verbo sem especificação morfêmica e com complementos verbais e pronomes possessivos que originalmente eram de terceira pessoa (*lhe*, *ola*, *seulsua*). A seguir, veremos o exemplo de duas breves cartas em que Cruz e Sousa solicita auxílio financeiro aos amigos Alberto Costa e Nestor Vítor.

21. Carta de Cruz e Sousa a Alberto, maio de 1896.

Rio, 8 de Maio de 1896.

Meu caro Amigo

Abraço-**o** com affecto e recomendo-me à Exma. familia.

Ouso insistir no pedido que **lhe** fiz por carta, pois acho-me na maior angustia e não tenho outro recurso senão importunal-**o** ainda uma vez. Péço-**lhe** encarecidamente que **o** me sirva, se não em toda ao menos na metade da importancia que eu **lhe** solicitei. As minhas contrariedades e afflicções avolumam-se cada vez mais. **O amigo** não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando.

O Póde confiar na pessoa que **lhe** entregar esta carta.

Sempre ao **seu** dispôr, com sympathia e reconhecimento.

Am^o Obmo

Cruz e Sousa¹²

22. Carta de Cruz e Sousa a Nestor, jun. 1896.

Rio, 2, junho, 96.

Nestor

Desejo muito que **o** me **faças** um sacrificio de amigo, ao menos com a quantia de vinte mil réis.

Tenho tido grandes saudades da nossa convivência, tão consoladora e tão nobre.

Aparece o que tenho uns trabalhos para mostrar-**te**.

Teu profundo amigo.

Cruz e Sousa¹³

Nesses dois exemplos, vemos cartas escritas por Cruz e Sousa no mesmo ano, com teor semelhante (auxílio financeiro), a dois amigos. Podemos perceber os diferentes usos das formas de tratamento nas diversas funções sintáticas.

No caso dessas duas cartas de Cruz e Sousa, parece que o destinatário exerce papel mais relevante na escolha das formas de referência ao interlocutor do que o assunto de que trata a missiva. Assim, esperamos que o comportamento linguístico dos missivistas possa variar de acordo com o destinatário das cartas.

Após coletados todos os dados de formas de tratamento encontrados na Amostra Cruz e Sousa, Gouveia (2019) categorizou-os de acordo com as variáveis elencadas acima, submetendo-os, em seguida, ao tratamento estatístico pelo programa GoldVarb (Machado, 2001).

¹² Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa, de 08/05/1896, obtida da tese de Souza (2017).

¹³ Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor, de 02/06/1896, obtida da tese de Souza (2017).

Embora haja uma preocupação com um panorama quantitativo acerca da distribuição dos pronomes, em muitos casos, uma descrição qualitativa se presta a fundamentar hipóteses explicativas para determinados comportamentos linguísticos. Em se tratando de uma investigação diacrônica, em consonância com os pressupostos da Sociolinguística Histórica, uma reconstrução do contexto social, tanto em um nível macrossociológico quanto em um nível micro, mais próximo do contexto específico de produção das missivas, é desejável para a realização de uma análise mais precisa.

Descrição e análise dos resultados

No trabalho de Gouveia (2019), foram investigados 1.749 dados da Amostra Cruz e Sousa. Desse total, 1.512 dados (86%) são formas associadas a T, contra 237 ocorrências (14%) de formas associadas a V, incluindo-se, nesse caso, o pronome *você*, *formas nominais* e sujeito *zero*.

Formas de realização de sujeito

Quanto às formas de realização de sujeito, os resultados mostraram que predominou na amostra investigada a forma *tu* (87%), seguida da forma *zero* (6%) e das *formas nominais* (5%). Apenas 2% dos sujeitos ocorreram com o pronome *você* (10 dados), conforme os resultados na Tabela 1.

Tabela 1: Frequência da variável formas de representação do sujeito pronominal

Formas de sujeito	n. de dados	%
Tu	402	87%
zero	27	6%
formas nominais	21	5%
você	10	2%
total	460	

Fonte: Adaptado de Gouveia (2019, p. 167)

Os resultados atestaram parcialmente a nossa hipótese, mostrando uso majoritário do sujeito *tu*, por ser a forma predominante na Florianópolis do final do século XIX e início do século XX, como os trabalhos de Nunes de Souza (2015) e Coelho e Nunes de Sousa (2020) já apontaram. As outras formas se distribuem entre 6% e 2%, deixando o pronome *você* como a forma menos produtiva de todas.

Quando relacionamos o uso dessas formas por missivista, observamos que Virgílio Várzea e Araújo Figueiredo usam apenas o sujeito *tu* nas cartas endereçadas ao amigo Cruz e Sousa. Nas cartas de Cruz e Sousa, o pronome *tu* também é majoritário, alternando-se com a forma *zero* e *formas nominais*. Desse núcleo familiar e de amizade, encontramos formas de sujeito *você* nas cartas dos pais de Cruz e Sousa, sendo cinco ocorrências nas cartas do pai Guilherme e uma ocorrência na carta da mãe Carolina. Notamos, entretanto, que esse uso do pronome *você*, inovador para o século XIX, pode ter sofrido a influência do escriba¹⁴. Ainda no século XIX, encontramos uma ocorrência do pronome *você* usada por Oscar Rosas, amigo de Cruz, que estava morando há muito tempo no Rio de Janeiro. Esse uso, no entanto, é rejeitado em seguida, como ilustra o trecho (23) a seguir. No caso das quatro formas de sujeito *você* do início do século XX, aparecem apenas na escrita de missivas endereçadas a Boiteux por remetentes de procedência desconhecida por nós.

23. Ora, eu te considero como um irmão. **Você** (o! perdão) **tu** ahi n'essa terra não podes senão criar carrapatos e azas nunca, porque as que tens estão arriscadas a cair por causa da inveja e do preconceito. (Oscar a Cruz, 17/09/1887)

Esses resultados não nos permitem dizer, portanto, que o pronome *você* já estava se implementando na escrita catarinense do período investigado. Pode ser uma marca vinda de fora.

Preenchimento do sujeito

Os resultados gerais para o preenchimento do sujeito mostram o predomínio de sujeito nulo, com 77% dos casos, em relação ao sujeito expresso, com apenas 23% dos casos, conforme observamos nos índices da Tabela 2.

Tabela 2: Frequência da variável preenchimento do sujeito pronominal

Preenchimento do sujeito	n. de dados	%
sujeito nulo	331	77%
sujeito expresso	102	23%
Total	433	

Fonte: Elaboração própria (2024)

¹⁴ Para se comunicarem por meio de cartas com o filho, Carolina e Guilherme, embora não soubessem ler nem escrever, contavam com o auxílio de amigos e outras pessoas que liam e redigiam cartas para eles.

Trabalhos sobre a variação entre as formas de tratamento *tu* e *você* (Rumeu, 2008; Coelho, Görski, 2011; Lopes, 2011; Lopes, Marcotulio, 2011; Nunes de Souza, 2015; Grando, 2016) indicam que o uso de *tu* ocorre majoritariamente como sujeito nulo, enquanto *você* ocorre principalmente como sujeito exposto. Assim, em nossa amostra, esperávamos que o sujeito *tu* se apresentasse majoritariamente nulo, e que os sujeitos *você* e *formas nominais* apresentassem maiores índices de preenchimento.

Esse quadro foi atestado neste nosso estudo. Das 433 ocorrências, 402 são do pronome *tu*, assim distribuídas: 330 sujeitos nulos (82%) e 72 sujeitos expostos (18%), contribuindo para o resultado total e majoritário de sujeitos nulos. No caso dos sujeitos *você* e *formas nominais*, o percentual foi inverso: encontramos 9 ocorrências de *você* exposto (90%) e apenas uma de nulo (10%); no caso das *formas nominais*, todas as 21 ocorrências manifestaram sujeito exposto (100%). Esse comportamento do emprego de *tu* majoritariamente nulo já era esperado, considerando-se o português da época investigada como uma língua ainda movida pelo parâmetro de sujeito nulo, conforme Duarte (1993).

Relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores

Os resultados de Nunes de Souza (2011) com dados de peças teatrais da segunda metade do século XIX, em Florianópolis, indicam que a forma de tratamento *tu* estaria associada à dimensão de solidariedade, e a forma *o senhor*, à dimensão de poder. Nesse período, o *tu* foi a forma preferida, em relação a *o senhor*, nas relações entre personagens íntimos, entre membros da classe alta, entre membros da classe baixa e nas relações assimétricas descendentes quanto à classe social, à relação profissional e à idade. Também foi a forma preferida nas relações entre parentes e entre personagens de meia-idade. Os resultados da primeira metade do século XX também indicaram a forma de tratamento *tu* associada à dimensão de solidariedade e a forma *o senhor* à dimensão de poder.

Na segunda metade do século XX, segundo Nunes de Souza (2011), a forma *você* apareceu operando tanto na dimensão de poder quanto na dimensão de solidariedade. A autora observou que a forma *você* foi preferida nos ambientes privados e formais, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade e nas assimétricas de mais velhos para mais novos e tanto nas relações profissionais ascendentes quanto descendentes.

Já o pronome *tu* foi mais utilizado em ambientes públicos e informais, nas relações simétricas entre personagens de meia-idade e nas assimétricas de mais velhos para mais novos. O tratamento *o senhor* teve seu uso concentrado nos locais públicos e formais, nas relações assimétricas de personagens mais novos com personagens mais velhos e nas relações profissionais descendentes. (Nunes de Souza, 2011, p. 240)

Os resultados do uso das formas associadas a T e das formas associadas a V, atinentes às relações sócio-pragmáticas entre remetente e destinatário, entre as décadas de 1880 e 1940, atestam parcialmente os achados de Nunes de Souza (2011), apresentando a seguinte configuração:

Tabela 3: Frequência da variável relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores

Relações Sociais		Formas associadas a T	Formas associadas a V
Relações simétricas de intimidade e proximidade	- cartas trocadas entre os amigos escritores - cartas enviadas de Cruz e Sousa para sua noiva Gavita	1105/1107 (100%)*	2/1107
Relações simétricas mais distantes e formais	- cartas recebidas por José Boiteux da maior parte dos missivistas que escrevem para ele.	15/175 (9%)	160/175 (91%)
Relações assimétricas ascendentes	- cartas recebidas por José Boiteux dos sobrinhos e do afilhado	0/27 0%	27/27 (100%)
Relações assimétricas descendentes	- cartas de Virgílio Várzea a seu filho Paulo - cartas de Guilherme de Sousa e Carolina da Conceição a seu filho Cruz e Sousa	391/440 (89%)	49/440 (11%)

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Na Tabela 3, observamos que, nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação do tipo simétrica de intimidade e proximidade, é categórico o uso de formas associadas a T, enquanto nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação simétrica mais distante e formal, é categórico o uso de formas associadas a V. Nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação assimétrica do tipo descendente, predominam as formas associadas a T (89%), e nas cartas em que os interlocutores mantêm uma relação assimétrica ascendente, predominam as formas associadas a V.

Os resultados mostram as diferentes esferas de poder e solidariedade encontradas nas cartas. Nas relações simétricas de intimidade e proximidade e assimétricas do tipo descendente, as formas de tratamento que prevalecem são as associadas a T; e nas

relações simétricas mais distantes e formais, e relações assimétricas ascendentes, as formas de tratamento preferenciais são as associadas a V, atestando a nossa hipótese.

Ao considerarmos apenas a forma de sujeito com as relações estabelecidas entre os interlocutores, obtivemos os resultados apresentados na Tabela 4, a seguir;

Tabela 4: Cruzamento entre as variáveis relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores e sujeito pronominal

	FN	Zero	Você	Tu
Relações simétricas de intimidade e proximidade	0/284 (0%)	0/284 (0%)	0/284 (0%)	284/284 (100%)
Relações simétricas mais distantes e formais	14/39 (37%)	19/39 (47%)	4/39 (11%)	2/39 (5%)
Relações assimétricas ascendentes	8/10 (75%)	2/10 (25%)	0/10 (0%)	0/10 (0%)
Relações assimétricas descendentes	1/127 (1%)	4/127 (3%)	6/127 (5%)	116/127 (91%)

Fonte: Elaboração Própria (2024)

Esses resultados confirmam nossa hipótese de que as formas associadas a T predominariam em cartas de missivistas que estabelecem entre si relações simétricas de intimidade e proximidade e relações assimétricas descendentes. Em nossa amostra, observamos que os amigos escritores mantinham relações muito próximas e se tratavam por *tu* (em 100% dos casos), assim como era o tratamento de Cruz e Sousa à sua noiva Gavita.

Nas relações descendentes de pais para filhos, também predominam as formas associadas a T, com 91% de sujeito *tu*, conforme observamos nas cartas escritas por Carolina, Guilherme e Virgílio a seus filhos. Contudo, além das formas associadas a T, ocorrem também formas associadas a V, como mostram os índices de sujeito da Tabela 4: 5% de *você*, 3% de *zero* e 1% de *forma nominal*.

Também atestamos nossa hipótese de que nas relações simétricas mais distantes e formais e assimétricas ascendentes ocorreriam mais formas associadas a V, indicando respeito e/ou distanciamento, ou mesmo descomprometimento com quaisquer formas de sujeito, como ocorre no uso do sujeito *zero*.

A maioria das cartas cujos interlocutores mantinham relações simétricas mais distantes e formais foi endereçada a Boiteux, em que diversos missivistas escrevem a um interlocutor que possuía um status social relativamente elevado e mantinha relações sociais com autoridades de diversas esferas (política, literatura, direito). Em geral, as cartas enviadas a ele tratavam de relações profissionais e políticas, pedidos e agradecimentos feitos, muitas vezes, por pessoas que também possuíam algum status, como é o caso de Victor Konder, advogado e político. Nesse conjunto de cartas, as relações assimétricas ascendentes também são predominantes, trata-se de cartas escritas por um sobrinho, uma sobrinha e um afilhado endereçadas a Boiteux. Eles tratam seu interlocutor com familiaridade e um distanciamento respeitoso de pessoas mais jovens para uma pessoa mais velha.

Ao olharmos apenas para a posição de sujeito, observamos o predomínio do uso de *zero* e de *formas nominais* nas cartas enviadas a José Boiteux e o predomínio de *tu* nas cartas trocadas entre amigos, entre noivos e entre pais e filhos. A forma *você* não foi a preferida em nenhum dos quatro tipos de relações. Percebemos, portanto, que, em relações respeitadas e não íntimas, os missivistas optaram por: (i) não se comprometer com nenhuma forma de tratamento, escolhendo a forma *zero* como estratégia; (ii) marcar o tipo de relação estabelecida, por meio do uso de *formas nominais* que indiquem a posição de cada interlocutor na díade (“meu tio”, “o amigo”, “o prezado padrinho”).

Díade remetente / destinatário

O controle das díades de missivistas pode evidenciar as relações estabelecidas entre amigos, conhecidos ou familiares como remetentes e destinatários das missivas dessa amostra.

Para analisar esta variável, observamos os fatores levando em conta a relação entre os missivistas, ou seja, entre os indivíduos que escreveram e que receberam as cartas. É uma espécie de refinamento da variável anterior: relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores. Vejamos os resultados na Tabela 5:

Tabela 5: Frequência de formas associadas a T e as formas associadas a V, segundo as díades entre remetente e destinatário.

Díade	T	V
Araújo – Cruz (19 cartas)	331/331 (100%)	0/331 (0%)
Oscar – Cruz (14 cartas)	310/312 (99%)	2/312 (1%)
Guilherme – Cruz (19 cartas)	251/288 (87%)	36/288 (13%)

Tabela 5: Cont.

Díade	T	V
Virgílio – Cruz (18 cartas)	214/214 (100%)	0/214 (0%)
diversos – José Boiteux (26 cartas)	0/146 (0%)	146/146 (100%)
Cruz – Gavita (4 cartas)	139/139 (100%)	0/139 (0%)
Virgílio – Paulo (5 cartas)	80/82 (98%)	2/82 (2%)
Carolina – Cruz (5 cartas)	60/71 (85%)	11/71 (15%)
Cruz – Araújo (4 cartas)	56/56 (100%)	0/56 (0%)
Cruz – Nestor (7 cartas)	35/35 (100%)	0/35 (0%)
Cruz – Germano (2 cartas)	0/24 (0%)	24/24 (100%)
Cruz – Virgílio (1 carta)	16/16 (100%)	0/16 (0%)
Cruz – Luís D. (1 carta)	0/8 (0%)	8/9 (100%)
Cruz – Gonzaga D. (1 carta)	4/4 (100%)	0/4 (0%)
Virgílio – José Boiteux (3 cartas)	15/15 (100%)	0/15 (0%)
Cruz – Alberto C. (1 carta)	0/9 (0%)	9/9 (100%)
Total (130 cartas)	1513/1750 (86%)	237/1750 (14%)

Fonte: Adaptado de Gouveia (2019, p. 196)

Com relação ao tratamento utilizado entre as díades de missivistas, observamos que, em nossa amostra, das 16 díades estabelecidas, oito apresentam categoricamente formas associadas a T, quatro díades apresentam uso categórico de formas associadas a V e em quatro díades observamos o uso de formas associadas e T e a V, mas com predomínio do uso de formas T.

Notamos, de modo geral, que as formas associadas a T são usadas preferencialmente nas cartas escritas pelos missivistas que escrevem a amigos ou familiares e as formas associadas a V são usadas preferencialmente pelos missivistas que escrevem a conhecidos ou autoridades políticas, como no caso dos interlocutores (diversos) de José Boiteux.

À guisa de conclusão

Os resultados percentuais deste estudo retomado de Gouveia (2019) indicam quatro formas de tratamento ligadas às estratégias de intimidade, de respeito e de distanciamento usadas ao interlocutor (*tu*, *você*, *zero* e *formas nominais*) por missivistas florianopolitanos no fim do século XIX e início do século XX, respondendo à nossa questão orientadora.

De modo geral, as formas de sujeito *tu* foram majoritárias, utilizadas preferencialmente pelos missivistas que escrevem a amigos ou familiares. Entre os casos de sujeito *você*, *zero* e *formas nominais*, a estratégia de tratamento mais frequente é a forma *zero*, por meio da qual o missivista não se compromete com nenhum pronome ou forma de tratamento, sendo utilizada principalmente entre missivistas que se conhecem, porém não possuem intimidade. As *formas nominais* foram a segunda estratégia de tratamento mais utilizada, ocorrendo em todos os períodos investigados e, principalmente, em cartas de missivistas menos íntimos. Já o pronome sujeito *você* foi a estratégia menos produtiva, aparecendo apenas dez vezes, seis em cartas escritas por escribas entre 1887 e 1895 como sinal de respeito e quatro em uma carta de 1931 trocada entre conhecidos. Todos esses usos foram realizados, portanto, em situações muito específicas.

Quando observamos essas formas à luz do parâmetro do sujeito nulo, o pronome *tu* aparece preferencialmente nulo e os pronomes *você* e *formas nominais* preferencialmente expressos. No caso da forma *zero*, não há uma forma expressa correspondente. Esse comportamento do emprego de *tu* majoritariamente nulo já era esperado, considerando-se o português da época investigada como uma língua ainda movida pelo parâmetro de sujeito nulo, conforme Duarte (1993). Além disso, o uso majoritário de *você* e da *forma nominal* como sujeitos expressos, ao lado de *tu* nulo, pode evidenciar mudança incipiente do parâmetro no sistema catarinense.

Podemos dizer que nas cartas catarinenses investigadas encontramos, portanto, um sistema quaternário de tratamento (*tu*, *você*, *forma nominal* e *zero*), utilizado na escrita de missivistas de distintas esferas sociais, que mantinham diferentes tipos de relações com seus interlocutores (de amizade, de familiar e de conhecido). Esse resultado atesta a nossa principal hipótese de que, no período investigado, há várias estratégias de tratamento ao interlocutor na escrita catarinense.

Com relação ao uso do pronome *você*, que no período investigado estava se implementando em outras regiões do Brasil como no sudeste e no nordeste brasileiros, encontramos apenas dez casos dessa forma em nossa amostra em situações muito específicas. Dois dos missivistas que usaram *você* eram analfabetos e ditaram suas cartas a um escriba. Outro, apesar de se tratar de um catarinense, não sabemos ao certo sua naturalidade. Ainda outro que utiliza quase categoricamente sujeito de *tu*, mas em uma das cartas usou *você* e logo em seguida o rejeitou, voltando a usar *tu*. Esse missivista vivia há muitos anos no Rio de Janeiro, onde os pronomes *tu* e *você*, no início do século XX, já estavam em variação.

Os resultados, portanto, corroboram com os estudos de Nunes de Souza (2015), Nunes de Souza e Coelho (2015), Coelho (2019) e Coelho e Nunes de Souza (2020), indicando certo conservadorismo em relação às estratégias tratamentais encontradas, com uso majoritário do pronome *tu* em relações de intimidade e de familiaridade. O uso do pronome *você* nesse período como estratégia de respeito pode ser interpretado como uma forma vinda de fora. Esses resultados não nos autorizam a dizer que o pronome *você* já estava se implementando na escrita catarinense do período investigado (1980-1940).

Quando analisamos as relações sócio-pragmáticas entre os interlocutores de cada uma das cartas, considerando “relações de intimidade e proximidade” e “relações mais distantes”, observamos que as formas associadas a T são usadas preferencialmente nas cartas escritas pelos missivistas que escrevem a amigos ou familiares (relações simétricas solidárias e relações assimétricas descendentes) e as formas associadas a V são usadas preferencialmente pelos missivistas que escrevem a conhecidos ou autoridades políticas (relações simétricas mais distantes e formais e relações assimétricas ascendentes). Essa distribuição das formas segue os estudos de Brown e Gilman (2003 [1960]) concernentes à semântica do poder e da solidariedade.

Referências

- ALVES, U. F. *Cruz e Sousa: Dante negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. *In: SEBEOK, T. A. Style in Language*. Cambridge: MIT Press, 2003 [1960]. p. 253-276.
- COELHO, I. L.; GÖRSKI, E. M. A variação no uso dos pronomes tu e você em Santa Catarina. *In: LOPES, C.; REBOLLO, L. (org.). Formas de tratamento em Português e Espanhol: variação, mudança e funções conversacionais*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2011. p. 263-287.

COELHO, I. L. A trajetória de mudança dos pronomes tu e você em Santa Catarina: análise de cartas pessoais (1880- 1990). *LaborHistórico*, Número Especial - Uma homenagem à professora Célia Lopes. v. 5, p.130-161, 2019.

COELHO, I. L.; NUNES DE SOUZA, C. M. Variation and change in the second person singular pronouns tu and você in Santa Catarina (Brazil). In: HUMMEL, M.; LOPES, C. S. (ed.). *Address in portuguese and spanish studstudies in diachrony and diachronic reconstruction ies in diachrony and diachronic*. Áustria: De Gruyter, 2020. p. 155-206.

CONDE SILVESTRE, J. C. *Sociolingüística histórica*. Madrid: Editorial Gredos, 2007.

DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pleno: a trajetória do sujeito no Português do Brasil. In: KATO, M.; ROBERTS, I. (ed.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 107-128.

DA SILVA, K. G. *Análise de correspondências ativas e passivas da escritora Maura de Senna: percurso diacrônico de pronomes de tratamento*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2023.

GOMES, V. S.; LOPES, C. R. S. Formas tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): tradição discursiva e sociopragmática. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 24, n. 1, p. 137-165, 2016.

GOUVEIA, H. A. *As formas de tratamento em cartas pessoais escritas na grande Florianópolis entre 1880 e 1940*. 2019. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

GRANDO, V. *Formas de tratamento nas cartas de Harry Laus para Claire Cayron: uma análise sociolinguística*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

LOPES, C. R. S. Retratos da mudança no sistema pronominal: o tratamento carioca nas primeiras décadas do século XX”. In: CORTINA, A.; NASSER, S. M. G. C. (org.). *Sujeito e Linguagem: Séries Trilhas Linguísticas*. Cultura Acadêmica, 2009. v. 17, p. 47-74.

LOPES, C. R. *et al.* A reorganização do sistema pronominal de segunda pessoa na história do português brasileiro: a posição do sujeito. In: LOPES, C. R. (ed.). *Mudança sintática das classes de palavra: perspectiva funcionalista*. São Paulo: Contexto, 2018. v. 4. p. 24-141.

LOPES, C. R. S.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento a Rui Barbosa. In: CALLOU, D.; BARBOSA, A. (org.). *A norma brasileira em construção: cartas a Rui Barbosa (1886 a 1899)*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011.

MACHADO, C. C. *Biografias de catarinenses notáveis*. Florianópolis: Insular, 2001.

MOURA, K. K. *A implementação do você em cartas pessoais norte-rio-grandenses do século XX*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

NUNES DE SOUZA, C. M. *A alternância entre tu e você na correspondência de florianopolitanos ilustres no decorrer de um século*. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NUNES DE SOUZA, C. M. *Poder e solidariedade no teatro florianopolitano dos séculos XIX e XX: uma análise sociolinguística das formas de tratamento*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

NUNES DE SOUZA, C. M.; COELHO, I. L. Caminhos para a investigação da alternância de pronomes de segunda pessoa em Santa Catarina. *Labor Histórico*, n. 1, v. 1, p. 49-61, jan./jun. 2015.

RAMOS, M. P. B. *Formas de tratamento no falar de Florianópolis*. 1989. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

RUMEU, M. C. B. *A implementação do 'Você' no Português Brasileiro Oitocentista e Novecentista: um estudo de painel*. 2008. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

RUMEU, M. C. B. Vestígios da pronominalização de Vossa Mercê > Você em missivas cariocas e mineiras: uma incursão pelo português brasileiro escrito nos séculos XIX e XX. *Revista Veredas*, v. 16, n. 2, p. 36-55, 2012.

SANTOS E SANTOS, E.; LACERDA, M. F. O.; CARNEIRO, Z. O. N. O sistema de tratamento em cartas baianas: uma análise sobre a posição de sujeito. *Working Papers em Linguística*, v. 20, n. 2, p. 109-134, ago./dez., 2019.

SOUZA, L. A. *“Os desclassificados do destino”*: Cruz e Sousa e os primeiros simbolistas (Rio de Janeiro, 1888-1898). 2017. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Trad. de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].